

Ritmo Louco: juventude, resistência e nostalgia em *Footloose*

Mariana de Souza Alves¹

Resumo

A resenha identifica e discute os conceitos de juventude, resistência e nostalgia no filme *Footloose: ritmo louco*, de 1984. Dirigido por Herbert Ross, o filme constitui um interessante objeto de estudo por seu enredo principal: um garoto da cidade grande que se muda para o interior e se depara com uma sociedade retrógrada e conservadora, que proibiu a dança e vê o rock and roll como uma coisa do demônio. Unindo-se a um grupo que inclui a filha do reverendo da localidade, Ren (Kevin Bacon), vai lutar para reconquistar o direito de dançar para os jovens. Baseando-se em textos de pesquisadores como João Freire Filho e Jameson, discutimos as relações entre o longa-metragem e as já mencionadas teorias.

Palavras-chave: *Resistência, juventude, nostalgia, cinema, Footloose*

1. Introdução:

“Um garoto. Uma cidade. Uma chance”. A “tagline” de *Footloose* (1984), resume perfeitamente a história que Herbert Ross, diretor de *Flores de aço* (1989), apresenta no longa-metragem. Ren MacCormack (Kevin Bacon) é um jovem urbano, fã de artistas como David Bowie, The Police e Men at Work. No terceiro ano do ensino médio, Ren sai de Chicago e se muda com sua mãe, interpretada por Lee McCain, para a pequena cidade de Bomont, onde o reverendo Shaw Moore (John Lithgow) guia a vida espiritual de seus habitantes com mãos de ferro. Acompanhado por um grupo de amigos que envolvem a hoje famosa Sarah Jessica Parker e Chris Penn, de *Cães de aluguel* (1992), Ren acaba se apaixonando por Ariel Moore (Lori Singer), a filha do reverendo.

Mal recebido pela crítica da época, o filme tornou-se um sucesso de bilheteria, arrecadando quase oitenta milhões de dólares nas bilheterias, dez vezes mais que seu custo

¹ Aluna do 5º período do Curso de Comunicação Social com graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco.

de produção. Grande parte desse sucesso deveu-se à trilha sonora da obra, aclamada pelo público e indicada ao Oscar de Melhor Canção Original através das músicas “Let’s hear it for the boy” e “Footloose”, que também concorreu ao Globo de Ouro. Sem conseguir levar nenhum desses prêmios para casa, Miles Goodman, Kenny Loggins, Dean Pitchford e Tom Snow, responsáveis pela direção musical do longa, acabaram consagrados com um Grammy Award.

2. “Tudo o que ele queria fazer era dançar”

Footloose, que recebeu o acréscimo *Ritmo louco* no Brasil, traz um interessante retrato dos estereótipos que se tem da juventude. Segundo João Freire Filho, os jovens “conseguem condensar e dinamizar expectativas e temores largamente difundidos acerca de mudanças na economia, nos costumes, na moralidade, nas relações sociais e no consumo cultural de toda a sociedade” (FREIRE FILHO, 2006: 39). Devido a esse potencial, a essa imagem de futuro e até de “presente” da humanidade, os indivíduos dessa faixa etária se converteram em um importante campo de estudo. Eles são vistos como sismógrafos e catalisadores de mudanças no comportamento e nas relações sociais e de consumo. Tentativas de entender seu mundo e seu comportamento estão presentes, entre outros campos, em vários filmes. O célebre *Juventude Transviada* (1955), com James Dean, é apenas um dos muitos frutos dessa safra de longas, que abriga inclusive obras menos “cults”, como a série *Malhação*, da TV Globo.

De um lado dessa “imagem” construída para os jovens, está a de que eles são um problema. Essas pessoas são vistas como um perigo não apenas para seus familiares, para os cidadãos “de bem” e para a sociedade, mas também para si mesmos. Elas não têm controle nenhum, e necessitam de constante supervisão, pois são delinquentes, vândalos. Esse “arquetipo” é representado em *Footloose* por Ren. Ele é um “forasteiro”, que ocasionalmente usa uma jaqueta de couro – a roupa que o cinema consagrou como a vestimenta dos “bad boys” –, é flagrado com um cigarro de maconha – que não era seu, vale salientar –, e chega a Bomont para provocar mudanças na sociedade local e enfrentar o reverendo e os cidadãos locais mais proeminentes. Seu professor diz que vigiará cada um de seus passos, sua mãe perde o emprego por brigar com seu chefe quando ele a manda “ficar em casa e aprender a ser uma mãe adequada”, e uma pedra é atirada no quarto de suas primas por sua causa. Ren se envolve em brigas, em uma corrida de trator – que acaba

ocasionando um acidente –, fuma e dança ao som do rock and roll. Ele é o mesmo adolescente que se pode ver em filmes como *Juventude Rebelde* (2006), no qual um garoto de 15 anos se envolve em um mundo de sexo e drogas, assim como em *Alpha Dog* (2006), baseado na história do traficante Jesse James, que se envolve no assassinato de um adolescente que raptou para se vingar de um inimigo. O mesmo cenário de “jovem problemático” aparece em *Velozes e furiosos: desafio em Tóquio* (2006), em que Sean Boswell (Lucas Black) se envolve em uma série de problemas com a polícia e, após mais um acidente em um “racha”, acaba sendo enviado para morar com o pai em Tóquio, onde se envolve com mais corridas ilegais e com membros da Yakuza, a máfia japonesa.

A juventude, entretanto, também é vista como uma fase de diversão, como coloca Freire Filho. Um período de festas, de distrações e atitudes inconseqüentes, que não podem ser encontrados em nenhuma outra fase da vida. Os jovens são vistos como “‘caçadores de emoção’, os ‘consumados consumistas’, associados a entretenimentos excitantes, sadios e politicamente inócuos, prazeres descomprometidos, estilos de vida exóticos”, diz o pesquisador. Ren, Ariel e seus amigos, por exemplo, participam de corridas, trocam de namorados rapidamente, saem escondidos para um baile na cidade vizinha e organizam bailes de formatura. Em se tratando de entretenimento e passatempos deles, *Footloose* dá um imenso destaque à música e à dança. O objetivo principal dos protagonistas do longa é divertir-se, dançar para celebrar a vida, e é por isso que eles vão lutar. Além disso, várias atitudes inconseqüentes aparecem no filme, como uma fuga à cidade vizinha para ir a um show, brincar em trilhos quando há um trem se aproximando e andar apoiada nas portas de dois carros que andam em alta velocidade lado a lado enquanto um caminhão vem em sua direção na outra mão.

Esse lado “divertidamente inconseqüente” da juventude também é bastante explorado, especialmente em filmes voltados para o público adolescente, como *As patricinhas de Beverly Hills* (1995), por exemplo, conta a história de uma rica garota que passa seu tempo comprando e passeando no Shopping, mas, com o pássaro do tempo, acaba se tornando mais consciente, sem perder seu jeito extrovertido, claro. A falta de comprometimento com qualquer coisa que não seja a diversão fica ainda mais clara em filmes como os da franquia de “American Pie”, que chegou em 2006 ao seu quinto longa. Eles focam garotos imaturos que fazem de tudo para freqüentar festas e conseguir conquistar mais garotas, sem se importar com outras pessoas, o colégio, o trabalho e suas famílias.

A visão negativa da juventude parece mais explorada, e até essa diversão descomprometida com tudo, essa liberdade, tida como algo admirável por algumas pessoas, é criticada. Alguns teóricos dizem que os jovens vivem sob esse princípio do prazer, negligenciando outros aspectos de suas vidas, e que essa seria uma geração vazia.

A resistência é outro conceito facilmente identificável no filme de Herbert Ross, especialmente se considerarmos as manifestações de agenciamento que Freire Filho cita em “Reinvenções da resistência juvenil”:

[Ela é] a capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercitivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais. (FREIRE FILHO, 2007: 13)

Em outras palavras, a resistência caracteriza uma reação, uma resposta a situações adversas e opressivas, seja através de uma atitude individual ou de uma grande mobilização.

O centro de *Footloose* é a luta de um grupo de jovens de Bomont contra os detentores do poder local, representados na figura do reverendo Moore e de alguns outros cidadãos locais, que realizam um Conselho para deliberar sobre questões da comunidade. Após um acidente ocorrido alguns anos antes, nos quais vários jovens morreram após beber, foi determinado que a dança estava proibida, assim como a música – o rock and roll era visto como uma coisa do demônio. Livros eram vetados sem haver ao menos uma análise do conteúdo, apenas por seu título parecer desagradável, como era o caso de “Matadouro cinco”. Em uma cena, alguns pais chegam a tocar fogo em alguns livros da biblioteca sem ao menos consultar o reverendo ou o Conselho da cidade, dizendo que é tudo para o bem de seus filhos, e que eles têm esse direito.

O modo que os cidadãos locais encaram a dança se aproxima um pouco do de Simon Reynolds em relação à cultura *rave*, quando este diz que ela apresenta uma falta de objetivo e objeto, promove um culto à aceleração, cria ‘sensações sem pretexto ou contexto’, celebra tautologicamente a celebração, e mobiliza muita energia para nenhuma finalidade (exceto encher os bolsos do promotor). Além disso, ele diz que sua busca por estados alterados da mente é destituída de espiritualidade. Essa é exatamente a opinião do reverendo, que alega que a dança ainda funcionaria como um estímulo sexual, ameaçando a moral e os bons costumes das famílias locais.

As manifestações de resistência dos jovens a essa situação aparecem várias vezes no filme. Em um local chamado de “O livro do ano”, uma espécie de cabine de uma estação de trem desativada, eles escrevem há anos trechos de publicações que não deveriam ler e de obras próprias sobre os mais variados temas. Quando Ren chega, entretanto, a reação torna-se mais consistente. Ele decide organizar um baile de formatura, alegando o quão absurda a proibição parece, e vai ao Conselho defender sua proposta, dizendo que a música e a dança não são coisas do diabo, e eram utilizadas nos tempos antigos para celebrar a vida e homenagear Deus, como está escrito em uma passagem da Bíblia. A dança, acreditavam os jovens, era indispensável, e não apenas por uma questão de entretenimento, mas ela os tornaria pessoas melhores e mais felizes. Uma passagem da obra de Freire Filho ilustra bem isso:

A resistência está normalmente ligada a utopias – especulações, fantasias e exercícios de imaginação histórica que vislumbram uma radical alteridade sistêmica, a partir da qual se configurariam novas formas de vida e arranjos sociais genuinamente comprometidos com o livre desenvolvimento individual e o bem-estar coletivo. (FREIRE FILHO, 2007: 16)

Outro ponto interessante é o de que, dependendo do ponto de vista – da formação cultural, da posição social e das inclinações políticas e teóricas da pessoa –, a mesma reação pode ser considerada transgressora e subversiva ou necessária e justa, o que pode ser claramente percebido em *Footloose*. Para os membros do Conselho e da sociedade adulta em geral, aqueles jovens estão agindo como rebeldes sem causa, lutando para desestabilizar “o status quo” local. Já os jovens se vêem presos a conhecimentos, verdades e rótulos pré-estabelecidos por seus pais, e mecanismos de controle que, por atrasarem e atrapalharem suas vidas, podem e devem ser questionados e derrubados.

Todo esse enredo se desenrola na década de 80, que está muito bem representada no longa, como atesta o crítico Matthew Kennedy, do “The Simon”.

Esse filme é uma cápsula do tempo para 1984. Ele é repleto de malhas horrorosas, cabelos volumosos e hinos do rock – você praticamente pode sentir o cheiro da colônia Polo –. Felizmente, existem sinais da British New Wave Invasion – Kevin Bacon usa uma estreita gravata de couro e uma jaqueta retrô, mas, infelizmente, ele ainda não descobriu o gel de cabelo. (KENNEDY, 1999)

Footloose está repleto dos estereótipos que temos dessa década, com jovens rebeldes que buscam diversão e fumam cigarros – nem sempre de tabaco –, roupas bregas e justas, os cabelos *a la* “As Panteras”, por exemplo. É como uma grande e berrante

fotografia de todos esses conceitos que foram estabelecidos com o passar dos anos para aquele determinado período da história. E essa representação, na verdade, era uma percepção romântica do presente da equipe de filmagens, não correspondendo necessariamente à história de fato.

O longa se transformou, para nós, em um filme “histórico”, já que, como diz Jameson, “seu presente se transformou em nosso passado” (JAMESON, 2005: 291). Ele se tornou, para nós, nostálgico. De fato, a nostalgia, ou seu aspecto, tem sido explorado pela indústria cinematográfica de forma recorrente, basta analisar a quantidade de obras que usam o passado histórico para desenvolver os mais diversos argumentos, sejam eles de guerra ou romances. *Desejo e reparação, Elizabeth: a era de ouro, Onde os fracos não têm vez, I'm not there, Sangue negro, Jogos do poder* são alguns dos exemplos de filmes que estrearam na primeira metade desse ano e recorrem a essa estratégia. Há ainda os filmes que trazem a nostalgia em si por apresentar o personagem refletindo sobre seus atos passados, como *O caçador de pipas*, também desse ano. Nessa adaptação do best-seller de Khaled Housseini, um homem volta ao Afeganistão para resgatar o filho de seu melhor amigo da miséria, e recorda sua infância e alguns erros que cometeu quando era mais jovem.

Segundo Svetlana Boym, em “The future of nostalgia”, a nostalgia pode ser de dois tipos: reconstitutiva, preocupada com a restauração do passado; e refletida, que procura ultrapassar o limiar da história, imergindo em sonhos de outro lugar ou outro tempo. Em “Screening the past: memory and nostalgia in cinema”, Pam Cook aplica esses conceitos no cinema, como explica o professor da Universidade de Coimbra, Rui Bebianno, em artigo.

Eventos do passado como que são “reconstituídos” perante uma audiência do presente, estabelecendo, por intervenção voluntária desta última, uma conexão dinâmica entre ambos os tempos, aquele que terá sido efetivamente vivido e o que é essencialmente representado. Esta ligação é determinada pelo fato de o encontro com o tempo histórico, por parte de quem partilha do sentimento nostálgico, remeter para uma recordação cuja origem é anotada numa tábua cronológica. (BEBIANO, 2005: 4)

Apesar de alguns teóricos conceituarem a nostalgia como um “estado de tristeza sem causa aparente”, muitas vezes a causa dessa melancolia é perfeitamente reconhecível, e está inserida em um contexto conhecido. O que provoca essa sensação é justamente a impossibilidade de retomá-la. Algumas pessoas, por exemplo, ao assistirem a *Footloose*, se sentem melancólicas por conseguirem se inserir perfeitamente naquele contexto,

recordando-se de sua juventude, que já não pode ser revivida. A nostalgia não se restringe, entretanto, a quem vivenciou aquele passado e “sofre” com a natureza “irrecuperável” de suas memórias. Muitas vezes, pessoas que jamais viveram aquele passado, apenas apreendem a situação que lhes é apresentada, identificando-se mesmo sem poder recorrer a referências concretas, e “sentindo saudades do nada”.

3. Conclusão

Footloose é, na verdade, um filme simples, que segue a linha dos famosos *Grease* (1978) e *Flashdance* (1983). Apesar de não ser de fato um musical, o longa apresenta um número considerável de cenas de dança – coreografias um tanto quanto esquisitas, elaboradas pela famosa jurada do *American Idol*, Paula Abdul. Na verdade, esses passos executados por Bacon trazem uma característica ao longa por diferenciá-lo de outras películas. “Bacon leva o filme em suas costas, com uma interminável série de movimentos que nunca haviam sido executados por um homem heterossexual e nunca o foram desde então” (NULL; LAZENBY), julgam os críticos Christopher Null e Aaron Lazenby. Outro fato que poderia ser destacado é o de que Ren não é um jogador de futebol americano ou de basquete e nem um praticante de luta livre; ele é um ginasta – algumas cenas até o mostram se exercitando em barras assimétricas.

Datado de 1984, o longa de Herbert Ross traz interessantes exemplos dos conceitos vigentes de juventude, apresentando figura de Ren o personagem “rebelde”, um garoto que vem de Chicago e é encarado como um perigo pelos cidadãos mais velhos por sua contestação à proibição de dançar e ouvir rock vigente no local. Surpreso com a proibição, o protagonista decide organizar um baile de formatura para seu colégio, se apresentando diante do Conselho de Bomont para defender seus ideais, desenvolvendo uma resistência ao “status quo” no qual se encontra.

O lado da “juventude divertida e inconseqüente” também pode ser facilmente detectado no personagem de Kevin Bacon e em seus amigos, especialmente na figura de Ariel (Lori Singer) que se envolvem em corridas de tratores – e acidentes de carro –, fogem para a cidade vizinha para ver um concerto, brincam de saltar dos trilhos no momento em que o trem se aproxima deles, pulam de carros em movimento – em uma cena específica, Ariel fica em pé apoiada nas portas de dois carros que andam em alta

velocidade lado a lado, enquanto um caminhão vem na direção oposta –, e ouvem música em lanchonetes da cidade mesmo sabendo que isso é proibido.

Apresentando ainda uma série de estereótipos – roupas justas e coloridas, cabelos armados, músicas agitadas e jovens, digamos, “liberados” – do que julgamos que representa os anos 80, *Footloose* tornou-se para nós um filme histórico, e um “poço de nostalgia”: dos anos 80; de suas canções, dos jovens rebeldes de jaquetas de couro, da juventude, e, até mesmo, das “sessões da tarde” da infância de muitas pessoas que costumavam assistir à Rede Globo.

Referências Bibliográficas

BEBIANO, Rui. *Nostalgia e utopia no declínio do Estado Novo*. 2005. http://ruibebiano.net/docs/estudos/RB_Nostalgia%20e%20Utopia.pdf. Acessado em: 16/06/2008.

FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. 176p.

_____. (org); VAZ, Paulo (org). *Construções do tempo e do outro*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

JAMESON, Fredric. A nostalgia pelo presente. In: _____. *Pós-Modernismo – A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2005.

KENNEDY, Matthew. Footloose... cut loose on stage. *The Simon*. http://www.thesimon.com/magazine/articles/old_issues/0063_footloosecut_loose_stage.html. Acessado em: 16/06/2008.

NULL, Christopher; LAZENBY, Aaron. *Het everybody, let's dance*. <http://www.contactmusic.com/new/film.nsf/reviews/footloose>. Acessado em: 17/06/2008.